

REDESCOBRINDO O BRASIL

Yafucá Caiabi (de jeans), em três momentos na aldeia: com o tia-avô Yorumak e Ipô (abaixo), outros homens da tribo (ao lado) e a mulher e três dos quatro filhos (à direita)



A 29.ª reportagem da série em comemoração aos 500 anos do Descobrimento mostra alguns personagens do povo Caiabi, que vivem no maior "cartão-postal" brasileiro na questão indígena, o Parque Indígena do Xingu, no norte de Mato Grosso. A repórter Rebeca Kritsch conta, entre outras, a história de Yafucá, um jovem cacique que adora a política, de Yuromak, saudosos pelo território tradicional de sua tribo, e de Owá, que, "apesar" dos 19 anos, ainda não se casou.



Fotos: Rebeca Kritsch/AE

Yorumak Caiabi, de 78 anos: "Sair daqui é briga muito grande"

Jovem cacique do Xingu aprende política dos brancos para defender seu povo

Descendente de lideranças importantes, o simpático Yafucá Caiabi, de 26 anos, observa a cultura do branco de "falar no papel" e administra a Aldeia Capivara

REBECA KRITSCH
beckyk@lhm.net

PARQUE INDÍGENA DO XINGU - O mais jovem cacique do Parque Indígena do Xingu é apaixonado por política. Yafucá Caiabi, de 26 anos, mantém a tradição dos antepassados. Descende de lideranças importantes por parte do pai e da mãe. Mas sua grande preocupação não é aprender a arte de governar como os antigos líderes. Ele quer aprender a política dos brancos e, na negociação com eles, defender com sucesso os interesses do seu povo.

"Política de branco é mais forte", afirma o intuitivo Yafucá - mais fácil identificá-lo assim, já que Caiabi é o nome de seu povo e o sobrenome de todos os índios do grupo.

Talvez Yafucá seja um produto típico do Parque do Xingu. A reserva foi concebida pelos irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas-Boas nos anos 60 (veja texto). Quinze etnias foram convidadas a fazer as pazes e viver em harmonia numa área delimitada e protegida das investidas econômicas do homem não-índio. Na nova organização, a habilidade para negociar revelou-se fundamental.

Yafucá conta que estudou dentro da reserva durante oito anos e tornou-se agente de saúde, profissional responsável pela prevenção e pela supervisão do tratamento de doenças. "Fui tendo experiência de trabalhar com lideranças mais velhas e conhecer a parte política", afirma. "Quanto mais me desenvolvi conheci também política de branco." Em agosto de 98, tornou-se cacique.

As atribuições profissionais já levaram-no a Brasília, São Paulo, Caiabá e Goiânia. Fora do Xingu observou as diferenças e concluiu: "Política de branco é mais falar no papel e na TV; a nossa é mais oralmente." Para que suas palavras de índio não permanecessem sem registro, Yafucá convidou a reportagem do Estado a visitar a aldeia que ad-



O pequeno Sirepy, de 10 anos

ministra, Capivara.

De São José do Xingu, a viagem até a aldeia demora cerca de uma hora de carro mais duas horas e meia pelo Rio Xingu na canoa motorizada de Yafucá. O cacique aguarda sorridente na beira do rio, de calça jeans, camisa e botas, apesar do calor de quase 30 graus. É irrequieto, rápido nas respostas. Olhar desconfiado, mas sempre simpático e afável.

O percurso rio acima é entre os pássaros e a areia branca das praias que se formam quando as águas estão baixas - de junho a setembro. As margens ficam diversas aldeias, algumas caiabis.

Família atípica

Os primeiros caiabis vieram para o Xingu logo no início, em 1960. Foram chegando aos poucos. Hoje são cerca de 900, espalhados por nove aldeias. Em troca da preservação, eles tiveram de abandonar certos costumes. Como guerrear com os caiapós. "A gente é uma família agora, não briga mais", diz Yafucá - nesse caso, são uma família atípica. "No Xingu a gente somos unido (sic)." Na Capivara moram 111 caiabis, espalhados por 24 casas. Avisados da visita, cerca de 30 caiabis, homens, mulheres e crianças, esperavam a reportagem do Estado na beira do rio. Alguns vestiam shorts e camiseta, outros traziam o torso pintado. As mu-

heres usavam vestidos e colares da Ladeira Porto Geral, em São Paulo. As peças, segundo elas, foram trazidas por visitantes, que em troca levaram colares feitos na aldeia. A moda entre as índias é usar os colares de miçanga paulistanos cruzados sobre o peito.

A aldeia chama a atenção pela limpeza e organização. Não há lixo ou objetos jogados. As visitas são recebidas sob a copa de uma árvore, em bancos de madeira. Em geral são instruídas a trazer a própria comida. Yafucá esqueceu de avisar a reportagem e o único alimento que está trazia na bolsa, um pacote de bolachas de chocolate, foi devorado pela crianças.

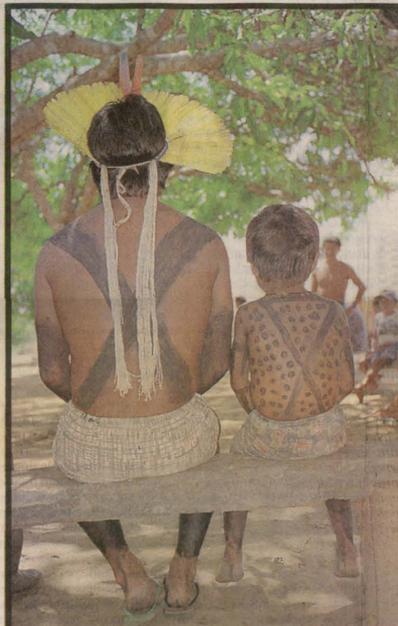
Trabalho para defesa

A poucos metros dos bancos fica a casa de Yafucá. Ele mora com a mulher e quatro filhos, o primeiro deles nasceu quando o cacique tinha 16 anos e o último há um ano.

O jovem líder ouve os problemas, discute com os membros da tribo e procura soluções dentro e fora do parque. Também tem a incumbência de negociar com instituições que trabalham contra ou favor dos índios e delas obter recursos. "Trabalho para nos defender dos inimigos."

Dentro da aldeia, Yafucá é mais um administrador do que um cacique tradicional. Por ser jovem, é ter muito a aprender mesmo sobre a própria cultura, de não desempenha o papel religioso atribuído ao título.

"Se quiser fazer Yafucá terá de ir atrás das pessoas mais velhas", diz Yawari (pronuncia-se javari), de 44 anos, que já foi cacique e hoje é chefe do posto de vigilância da Fundação Nacional do Índio (Funai) em São José do Xingu. "Ele é cacique para os brancos, faz a negociação fora", afirma o ex-líder, que foi criado por Cláudio Villas-Boas. "Dentro da aldeia, a autori-



dade do índio é muito diferente da do branco."

O sogro de Yafucá, Yawari (pronuncia-se javari), é quem preside os rituais e escolhe o nome das crianças. Na aldeia ele é o verdadeiro cacique. Mas nos arredores do Xingu ele é consi-

derado o subcacique.

Yafucá reconhece suas limitações. "Converso muito com os mais velhos", diz. "Eles têm histórias para contar muito mais importantes que de branco." Enquanto não se habilita para ser um cacique completo, tanto para

os brancos quanto para os índios, Yafucá cumpre suas tarefas de administrador. Dedicar atenção especial à saúde, "plataforma" que o ajudou a ascender na política interna da aldeia. "Continuo na atividade da saúde e com conhecimento político."

Além de Yafucá, trabalha na Capivara mais um agente. As moléstias mais comuns entre os índios são as Infecções Respiratórias Agudas - gripe e suas complicações. Mas o agente também precisa saber como tratar malária e prevenir a transmissão de doenças. "No limite, se não tem médico, nós mesmos fazemos o diagnóstico."

Se a enfermidade não é grave, o tratamento é feito dentro da aldeia, num posto de saúde. Se o caso complica, o índio é enviado a um hospital de referência em Canarana ou Água Boa, municípios vizinhos à reserva.

As despesas externas são financiadas com a verba do distrito sanitário especial indígena do Xingu, segundo Yafucá. O modelo de atendimento segue as novas normas adotadas para cuidar da saúde do índio, agora uma atribuição da Funai.

De acordo com Yafucá, o novo sistema funciona bem dentro da reserva. Fora dali, o índio esbarra na ineficiência do sistema que atende aos brasileiros não-índios. "Tem fila, a internação muitas vezes é no corredor, a enfermeira não olha o paciente", reclama. "Falta melhorar." Reivindicação que os povos do asfalto, como os da floresta, também fazem.

Belo artesanato
 Os caiabis plantam, caçam e pescam. Vivem bem, em comparação aos índios do Brasil que foram privados de suas terras. O que não conseguem com sua produção pedem às prefeituras.

Os índios também produzem artesanato. Os homens fazem peneiras, arcos, bordunas e outros artefatos tradicionais de caça, pesca e guerra. As mulheres tecem redes e fabricam colares muito mais bonitos e originais do que aqueles vendidos na Ladeira Porto Geral. É um artesanato delicado. Em especial as miniaturas de animais esculpidas na casca do coco.

A meta de Yafucá hoje é equipar a aldeia. Está juntando fundos para comprar um gerador que deve trazer a energia necessária para realizar outro sonho de consumo dos caiabis da Capivara: ter uma TV e um videocassete. "Precisamos ver os jornais para acompanhar o que acontece no Brasil."

O vídeo, segundo o cacique, será usado na educação das 25 crianças da aldeia, atualmente sem escola. A Capivara não tem prédio, mas tem dois professores, que ensinam ao ar livre ou no abrigo de uma maloca, quando chove. Os

alunos estudam caiabi, português, matemática, ciência, geografia e história.

Um dos professores é Awatát, de 37 anos. Sua jornada é puxada. De dia ensina às crianças e à noite alfabetiza dez adultos. "É quando sobra tempo", diz.

Por enquanto a Aldeia Capivara tem uma pequena fonte de energia solar, usada para alimentar o rádio, único meio de comunicação disponível.

Antes de encerrar a visita, Yafucá mostra os arredores. Na construção onde a tribo faz seus rituais, Reakatiui faz uma rede. Num canto, um peixe é assado sem hora para ficar pronto. Priva-

da de suas bolachas, a reportagem é convidada a provar a comida. Peixe com farinha, gosto de comida saudável. As crianças juntam-se em torno.

Yafucá desce o rio antes do escurecer. Também vai à cidade, resolver pequenos problemas da aldeia. Quando cruza o período,

faz questão de cumprimentar e mostrar que tem amigos no poder. O prefeito é cortês.

"Ele fala bem a língua portuguesa e é inteligente", diz Martinho de Freitas Neto, 29 anos, engenheiro agrônomo da Secretaria de Agricultura, Meio Ambiente e Assuntos Indígenas de São José do Xingu.

Mas, na opinião de Freitas, Yafucá tem muito a aprender. "Ele é experiente no trato da política", avalia. "Ele quer ser um estadista, mas ainda falta muito para chegar lá." Apesar do trânsito fácil fora da reserva, Yafucá não quer deixá-la, como fez seu antecessor e vários outros caciques.

"A aldeia onde moro é muito bonita, eu gosto daqui", diz. "Não tenho essa ideia de sair." Na rede de relações ao longo do Rio Xingu, ele trabalha para tornar-se um dos "caciques" - no significado do que o não-índio dá à expressão - da política local. "Minha ideia é continuar firme."

"A natureza é rica, mas não existe aqui o material que tinha lá", afirma. "Não esqueço do cemitério do meu pai e da minha avó." Há quatro anos, Yuromak visitou a área onde seu povo morava. "Está desmatado", diz. "Mas ainda tem um pouco de mato, material para artesanato, peixe, macaco, mutum, porco", conta, saudosos.



Reakatiui tece redes, no local em que são celebrados os rituais; entre as peças artesanais feitas pelas mulheres estão miniaturas de animais esculpidas em casca de coco

Após 40 anos, Yuromak ainda sonha com passado

Coração do velho índio, um dos pioneiros no parque, ainda mora no Rio Teles Pires

PARQUE INDÍGENA DO XINGU - Yuromak foi o primeiro caiabi a vir de mudança para o Parque Indígena do Xingu. Mas, mesmo depois de quase 40 anos na reserva, seu coração de índio ainda mora nas curvas do Rio Teles Pires, o território tradicional dos caiabis. Lá ficaram os restos de seus antepassados, raízes até hoje fincadas no solo do norte de Mato Grosso.

"Meu sonho é retornar ao Teles Pires", diz Yuromak, de 78 anos, hoje cacique da Aldeia Maraká. Sonho impossível, ele sabe. "Sair daqui é muita coisa, briga muito grande", afirma o líder, que recebeu a reportagem do Estado enquanto fazia um cocar de penas cinzas.

Yuromak já era guerreiro quando os caiabis chegaram ao Xingu. "Os primeiros vieram para ver se o lugar era bom e voltaram com as novidades", lembra. "Quem foi se interessando foi abandonando o território." Ele diz que, quando viu a nova morada, gostou. Mas estranhou a convivência com índios de outras etnias. Aos poucos, também se deu conta de que não tinha passado ali.

"A natureza é rica, mas não existe aqui o material que tinha lá", afirma. "Não esqueço do cemitério do meu pai e da minha avó." Há quatro anos, Yuromak visitou a área onde seu povo morava. "Está desmatado", diz. "Mas ainda tem um pouco de mato, material para artesanato, peixe, macaco, mutum, porco", conta, saudosos.

"A natureza é rica, mas não existe aqui o material que tinha lá", afirma. "Não esqueço do cemitério do meu pai e da minha avó." Há quatro anos, Yuromak visitou a área onde seu povo morava. "Está desmatado", diz. "Mas ainda tem um pouco de mato, material para artesanato, peixe, macaco, mutum, porco", conta, saudosos.

Festa dos 500 anos inspira Natal Indígena do Ano 2000

PARQUE INDÍGENA DO XINGU - Aproveitando a série de comemorações dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil, a prefeitura de São José do Xingu e os índios do Parque do Xingu querem promover o Natal Indígena do Ano 2000. Com esse mote, eles pretendem arrecadar mantimentos e equipamentos para as aldeias da reserva.

Um grupo de nativos do parque e funcionários da Secretaria de Agricultura, Meio Ambiente e Assuntos Indígenas vão fazer em dezembro uma visita aos potenciais doadores.

De acordo com o engenheiro-agrônomo da secretaria, Martinho de Freitas Neto, a

A região do Teles Pires foi ocupada por fazendeiros. Vários projetos de colonização deram origem a prosperas cidades. A devastação da mata que um dia cobriu aquela porção do País chegou às portas do Parque do Xingu. A reserva é um "oásis" de vegetação no meio do imenso descampado que se tornou o norte de Mato Grosso.

Ameaças

Mas nem todo perigo fica do lado de fora da reserva. Vários rios que chegam ao parque nascem além de suas fronteiras e estão ameaçados pelo desmatamento. "A gente se preocupa muito com a comida dos nossos filhos e do devastamento da floresta", afirma o cacique Yafucá, da Aldeia Capivara.

De acordo com Yafucá, foi proposta a criação de uma área de proteção de 10 quilômetros em torno do Parque do Xingu, para amortecer o impacto da ocupação dos arredores.

Yuromak, que é tio-avô de Yafucá, ajuda o jovem cacique a enfrentar os desafios do Xingu. Na opinião do veterano, entre eles ainda está a boa convivência com os povos que um dia foram seus inimigos. "O começo não tinha tanto conflito", diz Yuromak. "Hoje há muita discriminação entre as tribos." O que mais incomoda o velho cacique é a maledicência. Ao que parece, na convivência forçada pela ameaça do homem branco, os índios do Xingu trocaram as armas de guerra pela fofoca. "Um fala muito mal do outro." (R.K.)



"Política de branco é mais forte!"

"Política de branco é mais falar no papel e na TV; a nossa é mais oralmente!"

"Quanto mais me desenvolvi conheci também política de branco!"
 Yafucá, jovem cacique caiabi

"CASAR FICOU MUITO CARO"

Owá Caiabi tem 19 anos e ainda não casou. Na sua idade, o cacique de sua tribo já era pai e sua mulher esperava mais um rebento. Owá diz que gostaria de ter sua própria família, mas hoje em dia raciocina como um não-índio, quando o assunto é casamento e filhos. "Casar ficou muito caro", explica o nativo, que nasceu e mora na Aldeia Capivara, no Parque Indígena do Xingu. Na opinião de Owá, a vida de seus antepassados, sem contato com o homem branco, era mais fácil. "Antes era só caçar, pescar e trazer comida", diz. "Agora, precisa ter dinheiro para comprar roupa e sapato." A preocupação não é só dele. Quando engravidam e avaliam que não terão condições de sustentar mais um filho, as índias do Xingu usam ervas naturais para provocar o aborto.

Hoje, no "maior cartão-postal" do governo brasileiro, exemplo de preservação ambiental e respeito étnico e onde se realiza o famoso ritual do Quarup, estão assentadas 16 etnias. São cerca de 6 mil pessoas, o dobro do registrado por Von den Steinen.

Toda matéria está disponível na Web (www.estado.com.br ou www.estado.com.br)